

«««TRIBUNA DO VATE»»»

"OS MAIS BELOS POEMAS DA LÍNGUA PORTUGUESA"

BIOGRAFIA DE ANTÓNIO NOBRE



António Pereira Nobre nasceu em 1867, no Porto e faleceu em 1900, de tuberculose. Frequentou a Faculdade de Direito de Coimbra e posteriormente a Escola Livre de Ciências Políticas de Paris. Licenciou-se em Direito na Faculdade de Direito da Sorbonne. António Nobre possuía um temperamento contemplativo e pessimista, e a sua obra integra-se na corrente decadentista-simbolista. A sua primeira obra poética *Só*, data de 1892 e foi o único livro publicado em vida. Este foi um dos marcos da poesia do séc. XIX em Portugal.

Obra: *Poesia Só*, 1892 - *Despedidas*, 1902 - *Primeiros Versos*, 1921

Cartas Inéditas de António Nobre, 1934 - *Cartas e Bilhetes Postais a Justino Montalvão*, 1956 - *Correspondência*, 1967

CANÇÃO DA FELICIDADE

Felicidade! Felicidade!
Ai quem ma dera na minha mão!
Não passar nunca da mesma idade,
Dos vinte e cinco, do quarteirão.

Morar, mui simples, nalguma casa
Toda caiada, defronte o mar;
No lume, ao menos, ter uma brasa
E uma sardinha pra nela assar...

Não ter fortuna, não ter dinheiro,
Papéis no banco, nada a render:
Guardar, podendo, num mealheiro
Economia pró que vier.

Ir, pelas tardes, até à fonte
Ver as pequenas a encher e a rir,
E ver entre elas o Zé da Ponte
Um pouco torto, quase a cair.

Não ter quimeras, não ter cuidados
E contentar-se com o que é seu,
Não ter torturas, não ter pecados,
Que, em se morrendo, vai-se pró Céu!

Não ter talento; suficiente
Para na vida saber andar,
E quanto a estudos saber somente
(Mas aí somente!) ler e contar.

Mulher e filhos! A mulherzinha
Tão loira e alegre, Jesus! Jesus!
E, em nove meses, vê-la choquinha
Como uma pomba, dar outra à luz.

Oh! grande vida, valha a verdade!
Oh! grande vida, mas que ilusão!
Felicidade! Felicidade!
Ai quem ma dera na minha mão!



Teu coração dentro do meu descansa,
Teu coração, desde que lá entrou:
E tem tão bom dormir essa criança,
Deitou-se, ali caiu, ali ficou.

Dorme, menino! dorme, dorme, dorme!
O que te importa o que no mundo vai?
Ao acordares desse sono enorme
Tu julgarás que se passou num ai.

Dorme, criança! dorme, sossegada,
Teus sonos brancos ainda por abrir:
Depois, a morte não te custa nada,
Porque a ela habituaste-te a dormir...

Dorme, meu anjo! (a noite é tão comprida!)
Que doces sonhos tu não hás-de ter!
Assim, com o hábito de os ter na vida
Continuarás depois de falecer...

Dorme, meu filho! cheio de sossego,
Esquece-te de tudo e até de mim.
Depois... de olhos fechados, és um cego,
Tu nada vês, meu filho! e antes assim.

Dorme os teus sonhos, dorme e não
[mos digas,
Dorme, filhinho! dorme, dorme, «óó»...
Dorme, minha alma canta-te cantigas,
Que ela é velhinha como a tua avó!

Nenhuma ama tem um pequenino
Tão bom, tão meigo; que feliz eu sou!
E tem tão bom dormir esse menino...
Deitou-se, ali caiu, ali ficou.

Paz!

E a Vida foi, e é assim, e não melhora.
Esforço inútil, crê! Tudo é ilusão...
Quantos não cismam n'isso mesmo a esta hora
Com uma taça, ou um punhal na mão!

Mas a Arte, o Lar, um filho, António? Embora!
Quimeras, sonhos, bolas de sabão.
E a tortura do além e quem lá mora!
Isso é, talvez, minha única aflição...

Toda a dor pode suportar-se, toda!
Mesmo a da noiva morta em plena boda,
Que por mortalha leva... essa que traz...

Mas uma não: é a dor do pensamento!
Ai quem me dera entrar n'esse convento
Que há além da Morte e que se chama A Paz!